

Ciências da Comunicação 2

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

Ciências da Comunicação 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências da comunicação 2 [recurso eletrônico] / Organizadora
Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Ciências da Comunicação; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-205-0

DOI 10.22533/at.ed.050192503

1. Comunicação – Aspectos políticos. 2. Comunicação de massa.
3. Internet. 4. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu
Torres. II. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O segundo volume da obra “Ciências da Comunicação” é composto por 30 artigos divididos em dois núcleos temáticos. O primeiro núcleo apresenta a história da publicidade e traz apontamentos sobre a origem da profissão, o seu desenvolvimento e as transformações que ocorreram em diferentes contextos. Os autores dos artigos refletem sobre o uso do imaginário em produtos publicitários e a influência destes sobre o consumo e os modos de vida do público.

Os estudos também retratam a fotografia a partir da publicidade e trazem reflexões sobre o regime estético da arte e as relações entre a imagem, o texto, a montagem e o político. Alguns autores analisam como as grandes marcas conseguem chamar a atenção dos clientes, já que o processo estratégico de comunicação se intensificou com a internet e as mídias sociais, e como se constituem as dinâmicas entre consumidores e as empresas em âmbito digital.

Outros artigos apontam para a influência de vídeos nos hábitos de consumo e trazem a aplicação de metodologias para a análise de produtos e serviços. O segundo conjunto temático apresenta pesquisas sobre o papel das obras audiovisuais na construção dos indivíduos, com análises das narrativas e representações existentes em seriados e filmes. Por fim, são apresentados os desafios da imagem vertical a partir dos padrões da produção audiovisual vigente.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA PUBLICIDADE MUNDIAL	
Mario Cesar Pereira Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0501925031	
CAPÍTULO 2	14
DISCURSO PUBLICITÁRIO NO JANTAR EM FAMÍLIA DE <i>DOWNTON ABBEY</i> : O CONSUMO DOS PRODUTOS E DOS MODOS DE VIDA DO INÍCIO DO SÉCULO XX	
Lye Renata Prando	
DOI 10.22533/at.ed.0501925032	
CAPÍTULO 3	26
PASSADO REINVENTADO – A PUBLICIDADE DE O BOTICÁRIO NA NOVELA DEUS SALVE O REI	
Beatriz Braga Bezerra	
Dora Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.0501925033	
CAPÍTULO 4	39
BORBOLETAS, IMAGENS E IMAGINÁRIO NA PUBLICIDADE INFANTIL	
Maria Soberana de Paiva	
Karlla Christine Araújo Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0501925034	
CAPÍTULO 5	50
A PERCEPÇÃO DO APELO SAUDÁVEL NA PROPAGANDA DE PÃES: UM ESTUDO COMPARATIVO COM O USO DO <i>EYE TRACKER</i>	
Fernando de Magalhães Contato	
Gabriela Fantauzzi Poiani	
Gabrielly Oliveira Silva	
Giuliam Yukio Y. Uchima	
Gustavo Pedrotti Perossi	
Letícia Fujikawa Tokunaga	
Diogo Rógora Kawano	
Leandro Leonardo Batista	
DOI 10.22533/at.ed.0501925035	
CAPÍTULO 6	64
A PRESENÇA DA ESTÉTICA SURREALISTA NA PUBLICIDADE: UMA ESTRATÉGIA ABORDADA NAS PEÇAS PUBLICITÁRIAS DA HEINEKEN	
Francine Rocha Lasevitch	
DOI 10.22533/at.ed.0501925036	
CAPÍTULO 7	77
OS GIFS COMO ESTRATÉGIA DE BUSCA PELA EXPERIÊNCIA MULTI-LÍQUIDA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DA FOTOGRAFIA PUBLICITÁRIA	
Melissa Santos Gameleira	
Erich Lima Pinto dos Santos	
Sarah Letícia Silva da Silva	
Mariana de Jesus Alvim da Silva	
Matheus Francisco de Barros	
Lucas Veiga Trindade	
Andreza de Araújo dos Santos	
Flaviano Silva Quaresma	
DOI 10.22533/at.ed.0501925037	

CAPÍTULO 8	87
<i>MONSANTO® A PHOTOGRAPHIC INVESTIGATION: ENTRE JUSTIÇA E JUSTEZA</i>	
Marina Feldhues	
DOI 10.22533/at.ed.0501925038	
CAPÍTULO 9	101
A CIDADE INSCRITA EM SEUS CORPOS: UMA ANÁLISE DO PROJETO “RIO EU TATUO”	
Gabriel Chavarry Neiva	
Gabriel Gutierrez Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.0501925039	
CAPÍTULO 10	114
AS ESTRATÉGIAS DE MARKETING DE CONTEÚDO NA EXPERIÊNCIA DA MARCA RESERVA	
Tadeu Carvão Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.05019250310	
CAPÍTULO 11	125
O INFLUENCIADOR DIGITAL E SEU ESTABELECIMENTO COMO MARCA E DISPOSITIVO	
Nanachara Carolina Sperb	
Kati Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.05019250311	
CAPÍTULO 12	141
UNBOXING NO CIBERESPAÇO: INFLUENCIA DOS VÍDEOS LOL SURPRISE DOLLS NOS HÁBITOS DE CONSUMO INFANTIL	
Jullie Tenório Ed Din Sammur	
Pedro Afonso Cortez	
João Paulo Araújo Lessa	
Ana Carolina Cortez	
Marcus Vinícius Rodrigues de Souza	
Maíra Lopes Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.05019250312	
CAPÍTULO 13	149
O <i>MULTICAM</i> DE “TRUE LOVE WAITS” E OS CAMINHOS MODERNOS DA AURA	
Letícia Farias Hayashi	
José Augusto Mendes Lobato	
DOI 10.22533/at.ed.05019250313	
CAPÍTULO 14	159
A MÚSICA NOS GAMES E O CASO SHADOWS OF THE COLOSSUS	
Cadmíel Castro de Souza Junior	
DOI 10.22533/at.ed.05019250314	
CAPÍTULO 15	168
JUEGOS EN LÍNEA, INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN	
Nadya González-Romero	
Harold Castañeda-Peña	
Adriana Salazar-Sierra	
Luis Ignacio Sierra-Gutiérrez	
Alfredo Luis Menéndez-Echavarría	
DOI 10.22533/at.ed.05019250315	

CAPÍTULO 16	181
CARNAVAL, SUBLIME ILUSÃO: ANÁLISE SOBRE A EXECUÇÃO CRIATIVA E LUCRATIVA NOS DESFILES DE CARNAVAL	
Bianca Villani de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.05019250316	
CAPÍTULO 17	191
APLICAÇÃO DO MODELO DE ARQUITETURA DE PLANEJAMENTO DA BBDO DE NOVA IORQUE AO CENÁRIO BRASILEIRO	
Guaracy Carlos da Silveira	
Fernando Augusto Carvalho Dineli da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.05019250317	
CAPÍTULO 18	204
CÁLCULO DE METAS DE COMPRAS EM PROGRAMAS DE FIDELIZAÇÃO COMERCIAL NO AGRONEGÓCIO UTILIZANDO MÉTODOS NUMÉRICOS DE INTERPOLAÇÃO	
Suzana Lima de Campos Castro	
Marcelo Carlos Falcão Meneghetti	
DOI 10.22533/at.ed.05019250318	
CAPÍTULO 19	210
PRODUTOS MIDIÁTICOS: UMA ABORDAGEM SOBRE A INTERFERÊNCIA DE OBRAS AUDIOVISUAIS NA CONSTRUÇÃO DOS INDIVÍDUOS	
Valdemir Soares dos Santos Neto	
Damaris Strassburger	
DOI 10.22533/at.ed.05019250319	
CAPÍTULO 20	221
NETFLIX E SUAS SÉRIES: ROMPENDO COM A INDÚSTRIA CULTURAL?	
Tatiana Frago Galdino da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05019250320	
CAPÍTULO 21	232
O PAPEL DA TELEVISÃO NO <i>STREAMING</i> : UM ESTUDO SOBRE A EVOLUÇÃO DAS SÉRIES DA PRODUTORA SHONDALAND E SUA CONTRATAÇÃO PELA NETFLIX	
Rhayller Peixoto da Costa Souza	
DOI 10.22533/at.ed.05019250321	
CAPÍTULO 22	242
UMA DISCUSSÃO SOBRE A MATERIALIDADE A PARTIR DA SÉRIE “O MECANISMO”: CORRUPÇÃO POLÍTICA COMO OBJETO EM NARRATIVA FICCIONAL	
Valmir Moratelli Cassaro	
DOI 10.22533/at.ed.05019250322	
CAPÍTULO 23	254
ANÁLISE SEMIÓTICA DO COMPORTAMENTO DE BARNEY STINSON, PERSONAGEM DO SERIADO <i>HOW I MET YOUR MOTHER</i> SEGUNDO A SEMIÓTICA DO HUMOR	
Leidiane Sousa da Cunha	
Iury Mateus Oliveira Silveira	
Diego Frank Marques Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.05019250323	

CAPÍTULO 24	261
O QUE A NARRATIVA ACADÊMICA TEM A NOS CONTAR SOBRE O SERIADO <i>MAD MEN</i> ? EXPERIMENTANDO FORMATOS DE REVISÃO DE LITERATURA	
Benjamin Vanderlei dos Santos Jesana Batista Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.05019250324	
CAPÍTULO 25	277
CINEMA E (TRANS)MOVIMENTO GERACIONAL: ANCORAGEM E AFEIÇÃO NOS FILMES INFANTIS	
Rafael Iwamoto Tosi	
DOI 10.22533/at.ed.05019250325	
CAPÍTULO 26	290
CINEMA E REPRESENTAÇÃO DO SURDO: UM ESTUDO DO FILME <i>A GANGUE</i> (2014)	
Tatiane Monteiro da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.05019250326	
CAPÍTULO 27	305
UM CHAMADO À VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DA JORNADA DO HERÓI NO FILME <i>TAXI DRIVER</i>	
Romério Novais de Jesus Débora Wagner Pinto Ray da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05019250327	
CAPÍTULO 28	315
WALTER BENJAMIN E JEAN BAUDRILLARD EM CÓPIA FIEL, DE ABBAS KIAROSTAMI	
Maria Paula Lucatelli	
DOI 10.22533/at.ed.05019250328	
CAPÍTULO 29	326
OS FORMATOS DE TELA E OS DESAFIOS DA IMAGEM VERTICAL	
Luis Fernando Severo	
DOI 10.22533/at.ed.05019250329	
CAPÍTULO 30	337
PENSAR DIFERENTE NA MESMA CAIXA: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM SITUADA NO PROJETO TOGETHER	
Christiane Rocha e Silva Lamounier Lucas Pereira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.05019250330	
SOBRE A ORGANIZADORA	350

ANÁLISE SEMIÓTICA DO COMPORTAMENTO DE BARNEY STINSON, PERSONAGEM DO SERIADO *HOW I MET YOUR MOTHER* SEGUNDO A SEMIÓTICA DO HUMOR

Leidiane Sousa da Cunha

Graduanda no curso de Publicidade e Propaganda da Fanor Devry, e-mail: leidianesousa@gmail.com

Iury Mateus Oliveira Silveira

Graduando no curso de Publicidade e Propaganda da Fanor Devry, e-mail: iury.mateusg3@gmail.com

Diego Frank Marques Cavalcante

Orientador do Trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo(USP). Professor de Comunicação e Semiótica da Fanor DeVry. Email:marquesdiego@usp.br

Fanor Devry, Fortaleza – CE

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar a lógica do riso do personagem Barney Stinson, do seriado *How I met your mother*. Para isto utilizaremos a abordagem semiótica, de forma de Peirce, de forma específica, uma proposta de semiótica do humor em sua perspectiva estética. O episódio analisado se encontra na 5ª temporada e é nomeado “The Playbook”. Analisaremos como o personagem produz riso a partir da estética dos signos em seus bordões.

PALAVRAS-CHAVE: Série; HIMYM; humor; signo; semiótica.

1 | INTRODUÇÃO

A série *How I met your mother* (Como eu conheci sua mãe) foi criada por Carter Bays e Craig Thomas, estreada em 19 de setembro de 2005 e finalizada no ano de 2014. *How I Met Your Mother* (HIMYM) possui ao total 9 temporadas, nas quais Ted Mosby (Josh Radnor) conta para seus filhos, em 2030, a história de como ele conheceu sua esposa.

Ao longo de oito temporadas acompanhamos os relatos de Ted em busca da mulher de seus sonhos enquanto ele relembra histórias vividas com seus amigos: o advogado Marshall Eriksen (Jason Segel) namorado da professora Lily Aldrin (Alyson Hannigan), a jornalista Robin Scherbatsky (Cobie Smulders) e Barney Stinson (Neil Patrick Harris) um mulherengo confiante.

Para esse artigo, iremos nos ater ao comportamento do personagem Barney Stinson. Vivido por Neil Patrick Harris, Barney é o mais rico entre os amigos, embora só se descubra sua profissão na última temporada. Confiante e sempre bem vestido, ele deposita a maior parte de seu interesse em conquistar mulheres e para isso não mede esforços, chegando até a produzir um livro com suas cantadas.

Apesar disso, Barney mostra fragilidade durante a série, principalmente no último

episódio em que afirma amar a única mulher de sua vida: sua filha. Sua história é apresentada em vários flashbacks ao longo das nove temporadas. Em um desses flashbacks, temos o conhecimento de que Barney costumava ser um homem inocente e com interesses em se unir ao “*Peace Corps*” (Corporação da Paz) junto com sua namorada Shannon. Após ser traído por Shannon com um homem mulherengo, de terno e que usa muitas gírias, Barney muda completamente, passando a usar terno, mudar a aparência e sua personalidade.

Sobre sua vida familiar, temos o conhecimento de que sua mãe (interpretada pela atriz Frances Conroy) era uma mulher promíscua. Tendo dois filhos de pais diferentes, ela conta uma mentira para sanar os questionamentos de Barney em relação ao seu pai, afirmando que filho de Bob Barker (Robert William Bob Barker, ator americano e apresentador de televisão).

O propósito desse artigo é analisar qual a lógica do riso de Barney, ou seja, qual o sentido de seu riso. Para isso buscaremos elementos na semiótica de Charles Sanders Peirce e , de forma específica, na proposta de semiótica do humor de Cavalcante (2018).

1.1 Semiótica

Definida como a ciência geral dos signos, a Semiótica estuda os fenômenos culturais e naturais como os sistemas sógnicos, ou sistemas de significação. Portanto, a Semiótica é muito útil no estudo de qualquer fenômeno relacionado à transferência e posse de informações: a linguagem, a música, a fotografia e a comunicação como um todo.

A ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido (SANTAELLA, 2007, p.15).

Um signo é tudo aquilo que, sobre um determinado ponto representa algo para alguém. Sendo então a representação de um objeto, vai ao encontro de alguém gerando em sua mente outro signo.

Charles S. Peirce (1839 – 1914), considerado o pai da Semiótica, fundamenta o signo em três partes: a primeira, o fundamento, o signo em relação a ele mesmo, como uma mera qualidade; a segunda, o objeto, o signo em relação ao objeto caracterizando uma relação existencial e a terceira, o interpretante, o signo em relação ao efeito numa mente qualquer.

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do *representamen*. (PIERCE, 1995, p. faltando a página).

Os signos são divididos em tricotomias, sendo a primeira- o signo relacionado

a ele mesmo- é dividido em três partes: Qualissigno, ou seja, o signo fundamentado pelas qualidades, sinsigno essas qualidades produzindo singularidades e Legsigno quando o que fundamenta a apresentação do signo é um padrão, uma lei. O efeito é uma graduação de regularidade na aparência do signo.

A segunda tricotomia do signo- o signo em relação ao objeto que representa- é dividida em Ícone; signo sugere algo por semelhanças qualitativas; Índice, o signo em relação direta com o objeto, contigüidade e Símbolo, um signo que se relaciona com seu objeto graças a leis e convenções.

A terceira tricotomia- o efeito interpretante da relação entre signo e objeto- é dividida em Rema, que é o signo enquanto mera qualidade para o seu interpretante; Discente que o efeito de atenção, conexão proposição algo na mente do interpretante e o Argumento, no qual o interpretante extrai conclusões do signo por conhecer os símbolos, ou seja, as premissas do argumento.

Em seguida destacaremos a abordagem focada no riso que vem sendo desenvolvida, em princípio, a partir da gramática especulativa de Peirce, para em seguida, fazer a análise de Barney.

1.2 Semiótica do riso

Cavalcante (2018), de princípio, parte da gramática especulativa para pensar a lógica do riso. Nesse ramo da semiótica o propósito é compreender como deveriam funcionar os signos para gerarem significados. A questão, portanto é, qual o significado do riso?

Dentro da perspectiva da semiótica de Peirce o sentido é conexão, associação entre signo, objeto e a mente interpretante. Então, como funcionaria o signo do riso? Ou seja, quando uma coisa substituí outra para alguém e a torna engraçada?

Se a semiótica estuda a lógica dos processos de representação da realidade e se assumirmos que o riso pode ser compreendido como efeito de um processo criativo de subversão da seriedade em dado contexto cultural, então, a semiótica do riso poderia ser compreendida como a lógica da quebra lógica da representação de um objeto em um dado contexto (CAVALCANTE, 2018, p.6).

Segundo Cavalcante (2018), do ponto de vista semiótico, o riso deriva da quebra da conexão convencional (sentido) entre signo e seu objeto de forma criativa de modo que o interpretante entenda as conexões quebradas, ou seja, ele deve conhecer as conexões (o riso é social) e que não traga emoções de prioridade negativas para o mesmo.

O riso, então, deriva da quebra da seriedade entendida como normatividade, ou seja, quando algo está seguindo seu curso lógico, sério e um fenômeno inesperado faz com que haja uma quebra dessa lógica. Essa lógica poderia ter prevalência na estética (apresentação do signo- fundamento do signo), na representação (na subversão na conexão com seu objeto) ou na argumentação (na subversão dos silogismos- privilégio no efeito interpretante).

Se o privilégio for na estética o riso tem privilégio remático, emocional: é um riso direto quando a graça deriva da quebra da normatividade das aparências. Se o privilégio for representação do objeto é um riso discente: a graça deriva das quebras de conexões entre o signo e seu objeto, as subversões dos contextos e esquemas de atenções. Se a prevalência da graça for no argumento seria um riso simbólico, derivado do exagero, quebra, subversão das premissas do argumento.

Interessa-nos destacar uma estética do riso. Cavalcante (2018, p.7-8) propõe o seguinte método para analisar a estética do signo:

Como, portanto, poder-se-ia pensar a fundamentação do signo do humor? Tratar-se-ia de relacionar os três aspectos gerais ao modo como o signo se apresenta, ou seja, criatividade, quebra da seriedade e contexto relacionados ao fundamento do signo, logo, como as qualidades dos signos são organizadas de forma criativa quebrando sua lógica normativa de apresentação? Para analisar a produção estética do riso de um humorista, portanto, propomos o seguinte procedimento: a) destacar os quali-signos que subvertem a seriedade-normalidade; b) como se conectam tornando sin-signos do risível; c) destacar as regularidades no modo como se apresentam. Esse aspecto tem o propósito de investigar a estética do signo do riso de um dado humorista.

A estética do riso de Barney Stinson

Nosso artigo será baseado na Semiótica do humor, com vistas da Semiótica de Pierce (1998) para analisar a produção de humor nas cenas de Barney Stinson. O processo semiótico do riso na série, em específico nas ações de Barney, deriva da relação entre a piada ou atos por ele feitos e a realidade despida da seriedade, ou seja, o riso é causado quando há a quebra da seriedade de Barney – a qual é proposta por aspectos que a caracterizam, como o terno, a gravata, entonação da voz e gestos, por exemplo.

Intitulado “The playbook” (O livro de cantadas), o episódio o qual usaremos como ponto de partida para a nossa análise, trata da história de como Barney usa cantadas criadas por ele mesmo, com base em situações vividas, para alcançar seu objetivo.

Para essa análise identificamos os hábitos, ou seja, os padrões nas ações do personagem, como eles são compostos e como se dá a quebra desses padrões, produzindo o riso. Sabemos que os padrões são hábitos e que, estes são um modo de associações de idéias, gestos, sons, cores e movimentos e que a quebra e a continuidade desses padrões para o personagem, gera o humor.

As regularidades indicam os hábitos e, logo, a lógica mental da produção do riso. O hábito é um modo de associação de idéias que em dado contexto deveria ser efetivo. No caso do fundamento do signo-humor uma maneira de organizar sons, cores, gestos, movimentos que deveria quebrar a seriedade-razão-crítica e produzir o riso (CAVALCANTE, 2018, p .6).

No caso do Barney, os padrões são vistos em toda a série. Vamos nos ater à dois exemplos de seus padrões, que são os bordões e suas ideações de personagens para conquistar uma garota. Nas ideações, o personagem criado geralmente é melhor ou

muito diferente de Barney, por exemplo, cientistas, funcionários da NASA, músicos e etc. Esses padrões geram o riso por serem diferentes dele (fiéis, românticos e que estão à procura de um relacionamento sério) e sua quebra se dá quando se conecta quem Barney realmente é – mulherengo, infiel e mentiroso com o personagem idealizado.

Quanto aos bordões, o mais famoso é “ *it’s gonna be LEGEN – wait for it... DARY!* ” (“Isso vai ser LEGEN – espera um pouquinho... DÁRIO!”) e um muito usado no episódio em questão que é o “ *Glad you ask!* ” (“Que bom que perguntou!”), esses bordões em si não geram riso, mas sim quando são somados às qualidades de suas expressões. A seguir a organização dessas qualidades sónicas:

Qualidades sonoras – Barney faz uma pausa na frase “ *Legendary* ” o que gera uma expectativa no telespectador, e a modificação do tom de sua voz no final da frase (“ *dary* ”) causa uma surpresa em quem escuta. É o desfecho da expectativa. A mesma expectativa é gerada na frase “ *glad you ask* ”, sendo que o desfecho se dá pela explicação da cantada/personagem. Nesse sentido, a pausa antinatural é o que abstrai a seriedade e a coerência com uma frase normal, provocando o riso.

Qualidades visuais - Vestimenta elegante (terno e gravata), sorriso e cabelos em bom estado compõem o aspecto visual do personagem, o que gera uma quebra da regularidade da aparência esperada em um ambiente comum, ou seja, o personagem demonstra algo que transmite seriedade no seu modo de vestir.

Qualidades cinéticas e gestuais - movimentos firmes e confiantes, ou movimentos que acompanhem a entonação de sua voz, por exemplo: quando é usado o bordão “ *it’s gonna be LEGEN – wait for it... DARY!* ”, o personagem produz movimentos acompanhando a frase de pausa com as mãos.

Em síntese, o riso produzido pela junção e quebra dessas qualidades - qualisignos, pode ser definido como um riso-remático, quando se ri do fundamento do signo, as qualidades.

Outro exemplo de riso remático, agora no episódio em questão, é a cena da “Babá Stinfire”, na qual a quebra da seriedade de Barney é produzida pela organização das mesmas qualidades já mencionadas. Sonoras - entonação da voz, simulando o tom de uma senhora de idade; visuais - peruca feminina, óculos, vestido e maquiagem; cinéticas e gestuais - inclinação do corpo um pouco para trás ao falar, mãos juntas.



Riso argumentativo

Como já sabemos, esse tipo de riso é produzido pelas convenções, quando a quebra da seriedade é produzida pela subversão da lógica em sociedade. No caso da piscada de olho há a convenção de que o fato de piscar para alguém, oculta um significado, que pode ser de flerte, combinação (no sentido de parceria) ou simulação, no caso de Barney, simulação.

Esse ato gera riso porque quebra a quarta parede - na produção cinematográfica, é uma barreira imaginária que separa o personagem do telespectador - faz com que este se sinta parte da simulação, recebendo a mensagem de que seu plano foi bem sucedido.



A semiose do riso das cantadas

Para que haja o processo de semiose do riso, é preciso existir uma relação entre as três partes do signo, por isso descrevemos os personagens de Barney como um Legi-signo Icônico Remático.

Legi-signo porque está relacionado ao hábito de organizar e determinar as qualidades para cada persona (vestimenta, tom de voz, cor ou tamanho do cabelo etc). Essas qualidades se relacionam com o objeto dinâmico por meio de sugestões, ou seja, ícones. A tonalidade da voz pode sugerir a inocência de uma velhinha (cantada Babá Stinsfire), a elegância de um rapaz sugerida pela sua vestimenta demonstra seu poder aquisitivo (cantada Lorenzo Von Matterhorn) ou até mesmo o comprimento do cabelo de um rapaz, somado à vestimentas de couro e braceletes, sugerem que ele seja um baixista de uma banda (cantada The Cheap Trick)

O processo remático seria, então, o efeito interpretante da relação entre as qualidades e as sugestões do signo na mente de quem assiste. Em síntese, temos um Legi-signo, pois o modo de organizar as qualidades é um padrão, Icônico, porque se relaciona por meio de meras qualidades e Remático porque o efeito interpretante está ligado à relação das qualidades apresentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, com base nos conceitos da Semiótica de Pierce, procuramos descrever a produção do humor no comportamento de Barney Stinson, principalmente na realização de suas cantadas.

Para isso, iniciamos nosso trabalho conceituando a Semiótica e a Semiótica do riso e aplicando esses conceitos para explicar processo semiótico do riso na série *How I Met Your Mother*, em especial, no comportamento de Barney Stinson.

REFERÊNCIAS

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

Peirce e a semiótica. Disponível em: <<http://www.paradigmas.com.br/index.php/revista/edicoes-11-%20a-20/edicao-%2012/214-peirce-%20e-a-%20semiotica>> Acesso em: 22 de setembro de 2017

Semiótica Pierciana. Disponível em: <<http://www.nupea.fafcs.ufu.br/atividades/aulas/SemioticaPierciana.pdf>> Acesso em: 22 setembro. 2017

Semiótica no humor . Para uma Semiótica no humor, Diego Cavalcante - a ser publicado.

Classes do Signo. Disponível em: <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/10_Classes_Principais_de_signos_segundo_Charles_Sanders_Pierce.htm> Acesso em: 02 dezembro. 2017

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-205-0



9 788572 472050